

Conto: os óculos da colonização

Bárbara Anzolin

Orientador: José Maria Nogueira Neto

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21137028>

Lina nasceu em uma família privilegiada financeiramente. De pele branca, como seu pai, curiosa como sua mãe, lidou com algumas ausências ao longo de sua vida, pois ambos trabalhavam muito. Enquanto criança, recebeu de sua mãe uns óculos de madeira, com alguns ajustes possíveis, os quais sua mãe ia ensinando a utilizar. Com estes óculos, Lina podia ver e aprender coisas do dia a dia, conhecer a horta de sua avó, as peças que ela costurava, conhecer crianças vizinhas, brincar na rua, conversar... E ela foi se acostumando com estes óculos.

Frequentando a escola, no ensino fundamental, ela aprendeu a utilizar novos recursos destes óculos e aprendia mais e mais coisas. Era comum que as pessoas usassem óculos, ela via diferentes modelos, alguns pareciam iguais uns aos outros, como se as pessoas tivessem comprado óculos de uma produção em série. Alguns modelos lhe causavam curiosidade, outros uns arrepios, e alguns até medo. Mas cada pessoa estava habituada aos próprios óculos.

Sempre curiosa, interessava-se pelos laboratórios, aulas práticas de ciências, empenhava-se em compreender os cálculos da física e matemática, as classificações das ciências biológicas. Tantas coisas legais, tanto ainda por saber... Suas principais dificuldades eram com os estudos de geografia e história. Como era difícil para Lina acompanhar a turma... e tinham as cobranças por um bom desempenho, que vinham dela mesma, aí se não tirasse uma boa nota...

Seu pai não ligava para nada relacionado à escola. Dizia que a escola não ensinava as coisas da vida e a economizar financeiramente. Sua mãe sempre valorizou muito a educação e fez questão que Lina estudasse numa boa escola. E essa boa escola ensinou que Lina deveria continuar estudando, escolher uma profissão, uma formação para cursar após a escola. Mas qual?

Lina sempre ouviu de amigas e amigos que ela era boa ouvinte, gostavam de desabafar com ela. Também ouvia que o modo como ela falava as coisas parecia ajudar a pensar, refletir. Um dia, na escola, chamaram profissionais de diferentes profissões

para falar sobre seus trabalhos para estudantes da escola, cada um com seus óculos e seus recursos. Lá estava Lina, ouvindo cada profissional falar sobre seu dia a dia... Foi quando uma psicóloga apareceu lá na frente, ela usava óculos diferentes, se apresentou, e começou a falar sobre a psicologia. Lina ficou interessada.

Mais tarde, em um dos encontros em grupo de orientação profissional, a professora solicitou que cada pessoa entrevistasse alguma profissional, para saber mais da profissão que lhe interessasse. Lina resolveu entrevistar a mesma profissional que foi à escola falar. No contato prévio, a psi foi simpática, acolhedora, convidou Lina para ir até a clínica dela, onde ela conheceu um pouco do espaço e dos recursos utilizados pela profissional em seu trabalho. Encantada com tudo aquilo, Lina ia pensando que não tinha nada que ela queria fazer mais que aquilo.

Em outro momento, Lina acompanhava uma situação de saúde em um hospital e presenciou um atendimento realizado por uma psicóloga hospitalar. Neste atendimento, a psicóloga dizia a uma paciente, que tinha tido uma parte do corpo amputada, que seria normal ela sentir coceira, até dor ela poderia sentir nesta parte do corpo que não tinha mais. Chamam de “membro fantasma”. Aquela cena do atendimento mobilizou Lina. “*Eu quero ser psicóloga hospitalar*”, pensava ela. Encantada com tantas possibilidades de atuação (mesmo sabendo de poucas), Lina decidiu que queria cursar psicologia.

Depois da tensão que foi o período de vestibulares, Lina inicia o curso de psicologia. Já na secretaria acadêmica, antes de iniciar as aulas, Lina recebe outros óculos, os quais deveria começar a utilizar. Eles eram muito semelhantes aos óculos daquela psicóloga que ela entrevistou.

— Fica tranquila que você vai aprender a configurá-lo e utilizá-lo nas aulas, as professoras vão te ensinar. — disse a moça da secretaria.

Lina estava tão animada. Chegou em casa, abriu a caixinha dos óculos novos e quis ver todos os detalhes. Mas, como ela não sabia mexer, também tinha medo de estragá-los. Colocou-os no rosto e enxergava tudo mais escuro que o usual. Então guardou-os e pegou o manual. No manual, ela se deparou com uma breve apresentação dos óculos, que diziam que era possível ajustar as lentes, mudar suas cores, zoom, opacidade, contraste, claridade. Os ajustes poderiam ser com botões touchscreen e até mesmo movimentando peças dos óculos. Quanto mais ela sabia, mais encantada e curiosa ficava. Ela queria saber tudo, tudo! Foi difícil, mas o medo de Lina de estragar os tão esperados óculos foi maior, então, ela conteve toda sua curiosidade de futricar no

objeto, deixando-o guardado até o início das aulas, as quais também aguardou ansiosamente.

Ao longo dos 5 anos de graduação, cada disciplina ministrada ensinava Lina a utilizar algum recurso dos óculos. Cada recurso produzia a possibilidade de Lina compreender determinadas coisas, teorias, leituras, informações, testes. E ela percebeu que estes recursos mudavam até mesmo o modo como ela ouvia as pessoas falando. Os óculos e seus recursos foram muito úteis, muito bons para ela aprender psicologias, leituras críticas sobre poder, sociedade, pessoas, desigualdades⁴⁴. E, quanto mais ela aprendia e se adaptava aos novos óculos e seus recursos, mais desconfortáveis e insuficientes ficavam os óculos antigos, os quais ela nem pegava mais. Ela usava estes novos óculos para tudo.

No último ano da graduação, Lina soube de uma seleção de estágio para um hospital. Ela ficou animada, pois ela queria trabalhar com psicologia hospitalar há bastante tempo, desde que assistiu aquele atendimento realizado pela psicóloga no hospital. Quando soube que foi selecionada e a chamaram para cuidar da papelada, Lina comemorou, a família comemorou com ela, pois conseguiu, conseguiu coisas que queria, estava se (trans)formando em uma psicóloga sensível e competente.

No dia a dia no hospital, Lina e outra estagiária acompanhavam o trabalho das psicólogas, atendiam algumas situações, acompanhadas das psicólogas, cuidavam de aspectos burocráticos e da recreação da pediatria. Lina enfrentava o cansaço com entusiasmo, pois estava apaixonada pela psicologia hospitalar. Estava inserida e frequentava assiduamente os encontros do grupo de estudos e discussão de casos, que uma das psicólogas organizou e coordenava. Ela desenvolveu planilhas, fez registros de dados de várias pessoas nos projetos de pesquisa do hospital. As psicólogas ensinaram a fazer novos usos dos óculos, configurar cada detalhe deles para cada situação específica que acontecia naquele contexto.

Depois de 4 meses estagiando no hospital, as psicólogas, gostando do trabalho de Lina e da outra estagiária, autorizaram que elas comesçassem a atender sozinhas. Elas ficaram contentes, pois começaram a acreditar também que estavam fazendo um bom trabalho. Assim, elas atendiam e relatavam para as psicólogas, que faziam orientações e reflexões, afinando os usos dos óculos.

⁴⁴ SAWAIA B. **As artimanhas da exclusão**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

Com isso, com os estudos das disciplinas e com os estágios obrigatórios, Lina ia desenvolvendo as habilidades e competências necessárias para usar muitas funções desses óculos, queria se tornar uma boa profissional, ética, responsável, respeitosa e cuidadosa. Na universidade ela tinha boa relação com todas as professoras, coordenação, serviço escola de psicologia, circulava pelos espaços fazendo amizades por onde passava.

Um dia, Lina chegou ao hospital e as psicólogas estavam falando sobre um caso. Uma mulher indígena tinha dado entrada no hospital, estava gestante e ali foi realizado o parto. Em termos médicos, tudo vinha correndo como de “costume”, mãe e bebê estavam internados há 2 dias, sem previsão de alta porque o bebê apresentava icterícia, ou amarelão, como algumas pessoas preferem. Além disso, por algum motivo, o bebê precisava ficar em jejum, para a realização de exames. Mas a mãe não falava nem entendia português, e a equipe não falava nem entendia seu idioma. Como proceder?

A mãe parecia revoltada. Mas como não ficar? Tinha um grupo de pessoas impedindo-a de amamentar, de alimentar o próprio filho e ela não compreendia o porquê. Como não se sentir violentada? A equipe também estava irritada, pois a paciente “não obedecia”, estava “atrapalhando” os procedimentos.

Além desta situação específica, outra dificuldade enfrentada por essa mãe foi a obrigatoriedade do registro civil da criança ainda dentro do hospital. Um cartório de registro civil mantinha uma pessoa com um computador e uma impressora em uma salinha da maternidade, para fazer este procedimento. Ocorre que a mãe não tinha o nome do bebê ainda.

Para lidar com estas questões, os responsáveis do hospital chamaram um antropólogo para mediar a comunicação. Com o auxílio dele, foi possível explicar para a mãe por que é que o bebê precisava ficar em jejum, além de se entenderem com relação aos outros cuidados, tanto da parte da equipe, quanto da parte desta mãe. O antropólogo também defendeu que ela saísse do hospital sem o documento do bebê.

Com toda esta vivência, a diretoria do hospital resolveu promover um curso de capacitação para as equipes do hospital sobre cultura indígena, ministrado por este antropólogo, que atuou no caso. Lina pôde participar, conhecer o que o antropólogo tinha a dizer sobre seus estudos, sobre culturas, línguas, costumes. E ele falou de uma aldeia em um município próximo, que recebeu um grupo de profissionais do hospital para uma visita. Lina estava contente e animada para conhecer, curiosa com tudo que

poderia encontrar lá e com como isso tudo estava contribuindo para sua formação profissional.

Chegando à aldeia, o grupo foi guiado a circular e conhecer alguns espaços, como habitações das pessoas que lá viviam e a escola. Lina via materiais nas paredes (com conteúdos do processo ensino-aprendizagem). Caminhando pelas salas de aula, o grupo parou em uma, por indicação do antropólogo. Na parede da frente, acima da lousa, o grupo se deparou com vogais do idioma português brasileiro e vogais do idioma Guarani. O antropólogo explicou que ali as professoras faziam um movimento de diálogo entre as culturas. O grupo conheceu também uma unidade de saúde e algumas agentes indígenas de saúde. Até que chegaram a um espaço grande, feito de palha e bambu, com chão de terra batida. Este era o espaço de reza. Lá dentro, quem falava e explicava as coisas era o Cacique. Mas Lina estava com dificuldade de ouvi-lo, parece que ele falava baixinho.

Ela conseguiu ouvi-lo explicando que, para saberem o nome de uma criança que nasce, ali, o pajé faz um ritual, se comunica com ancestrais, que lhe dizem o nome da criança. Então, saber o nome de uma criança poderia levar uns 15 dias, aproximadamente, após o nascimento. Por isso não era possível que a mãe saísse do hospital com o bebê registrado. Neste encontro, o grupo estava em pé e ouvindo o que ele dizia. Mas Lina sentia dificuldade, mesmo alterando as funções dos óculos, a voz das explicações permanecia baixa, as coisas pareciam escuras, então ela ficou perto da porta, pois tinha mais clareza.

Ocorre que, ali perto, ao lado da porta, tinha uma mulher pintando os corpos de algumas crianças, que também brincavam por ali. Uma delas bateu o braço no recipiente com a tinta, derrubando-o no chão e espirando um pouco em Lina. Neste momento Lina tira os óculos do rosto, procurando algo para limpá-los e, enquanto olha para os óculos em suas mãos, Lina ouve com mais facilidade o indígena que falava, como se tivessem aumentado o volume. Curiosa, ela arregala os olhos em direção a ele e percebe detalhes no seu rosto, a indumentária, rugas e marcas no corpo, expressões faciais que não tinha reparado antes.

Estranhando tudo aquilo, ela coloca os óculos no rosto rapidamente, antes de limpá-los, e percebe que tudo fica embaçado e o volume baixo novamente. Ela tira e põe os óculos umas três vezes, incrédula com o que percebia. Em silêncio, ela resolve guardar os óculos na bolsa e continua ouvindo a apresentação. Curiosa com o que ele

dizia, Lina começou a fazer perguntas sobre os rituais, funcionamento, quem participava, duração etc e o senhor respondia explicando pacientemente.

Quando saíram deste espaço, Lina sentiu a brisa na pele e se arrepiou, olhou para uma árvore, as cores pareciam muito mais vivas, as imagens mais nítidas, as folhas da árvore pareciam dançar ao vento, estavam vivas! As cores da pintura corporal ficaram mais vibrantes e os desenhos mais bonitos. Ela começou a sentir cheiros que não tinha sentido ainda. Estática, reparando tantos detalhes antes despercebidos, ela foi surpreendida pelo som de um tambor. Procurou a direção do som e se deparou com um jovem tocando tambor a poucos metros dela. Seu corpo estava inquieto, como se quisesse se movimentar naquele ritmo contagiante. Aproximou-se do jovem, assistindo seus movimentos e ouvindo sua cantoria com entusiasmo. Quando finalizou aquele som, o jovem apresentou o instrumento, construído com tronco de árvore e pele de animal. Como era lindo e singular aquele objeto, aquele som, aquela cantoria!

Mas ela foi chamada pelo grupo, que saía do espaço de reza. O senhor que antes falava lá dentro direcionou o grupo a uma árvore centenária, que vivia ali na aldeia. Contou a história da árvore com o pessoal da aldeia e convidou as pessoas a abraçarem e falarem com a árvore. Lina olhou para as outras pessoas, todas com seus óculos, paradas, olhando para a árvore, como estátuas, estranhando o convite. Ela ficou um pouco envergonhada, mas se aproximou e abraçou. Foi quando ela sentiu a textura da árvore, sua temperatura, e sentia seu próprio corpo de formas que não sabia explicar. Ela chegou a duvidar do que sentia, se aquilo era real, percebeu uma vibração da natureza, que acelerava seus batimentos cardíacos. Sentiu-se viva, como nunca havia sentido. Demorou-se ali por alguns minutos, inicialmente observada pelos profissionais que compunham o grupo. Até que se afastou da árvore, para alcançar as pessoas em direção ao transporte de retorno.

No caminho de volta, as pessoas faziam silêncio. Lina sentia uma paz diferente. Por fora, o silêncio, por dentro uma vibração. Parece que aqueles óculos, tão bons, tão tecnológicos, tão estudados, não vinham sendo úteis para conhecer e se relacionar com aquelas pessoas e aquele lugar. Quando Lina tirou os óculos do rosto, ela sentiu, ouviu, percebeu com o corpo inteiro.

— *Será que meus óculos estão com defeito?* — pensava Lina, segurando-os e olhando para eles, mais tarde. Mas eles continuaram funcionando normalmente no hospital, na universidade... E, mesmo sem entender, Lina seguiu estudando, estagiando, dando o melhor de si e se formou.

Foi somente anos mais tarde que, em uma conversa com uma familiar, chamada Xiuxi, que convivia com algumas pessoas indígenas e que dialogava com estas outras culturas, fazia uso de suas medicinas e adotava alguns outros costumes e indumentária, que ela conseguiu compreender.

— Esses seus óculos não servem aqui — dizia Xiuxi — não tem configuração para você fazer com eles, você precisa retirá-los mesmo. Aqui se percebe e se sente com o corpo inteiro. As explicações e configurações que você aprendeu não dialogam com as coisas daqui, com os encantados, os óculos não dão conta, nunca deram. A não ser de formas embaçadas, distorcidas. Você precisa tirar os óculos para sentir o mundo e conhecer cosmopercepções indígenas, precisa se deslocar desse lugar que você está, para não ver as coisas de um jeito deformado. Chamamos de anamorfose colonial, esse olhar deformado⁴⁵.

— Cosmologias, você quer dizer? — perguntava Lina, tentando entender do que se tratava aquela conversa.

— Não. Cosmopercepção mesmo. Cosmologia diz de olhar racional. Por que você acha que nós recebemos óculos? Por que você acha que você recebeu óculos novos para sua formação? — questionava Xiuxi.

— Nunca pensei nisso. Por quê?

— A visão é o sentido mais valorizado no Ocidente, na apreensão da realidade. Com isso aprendemos a privilegiar o mundo físico sobre o metafísico. Valorizamos muito mais o que podemos ver, em detrimento daquilo que não é aparente aos olhos⁴⁶. E isso formata nossa forma de existir e se relacionar com tudo, com a terra, com as pessoas, animais, rios, e nós nem percebemos isso! — Xiuxi fez silêncio, hesitou, então perguntou: — Sabe qual é o problema disso?

— Tô tentando pensar — respondeu Lina, lembrando das aulas sobre positivismo e sobre a valorização dos “fenômenos publicamente observáveis”.

— Há quem diga que a visão é o sentido mais nobre, mas ela é direcionada sempre para o que está à frente, ela não faz curva, como faz o som, por exemplo. É a percepção de uma superfície, a partir de um ângulo particular.

⁴⁵ ABDALA-COSTA, Marcelo Pimentel; FAUSTINO, Deivison Mendes. O indígena na casa de cura dos brancos: contexto hospitalar, descompassos interpretativos e anamorfose colonial. In: LOPES, Fernanda Gomes. **Tópicos em psicologia hospitalar**. Londrina, PR : Lucto, 2023, p. 319-337

⁴⁶ OYĒWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021,

— Por isso falam de conhecimento como iluminação, luz, verdade? Como no iluminismo? — perguntou Lina, tentando fazer suas conexões.

— Isso! — respondeu Xiuxi — a visão se tornou modelo de conhecimento adequado. Em outras culturas, como as africanas, e podemos pensar nas indígenas também, considerando a oralidade, o pessoal valoriza outros sentidos, não faz essa hierarquização entre o mundo físico e o metafísico, nem mesmo essa separação tão demarcada. Temos tantos sentidos, não é mesmo? Por que supervalorizar um só? Aqui o pessoal sente necessidade de uma contextualização mais ampla para dar sentido ao mundo, as coisas estão todas interligadas. Então, Cosmopercepção diz de percepção de mundo, não é exclusivamente racional. A ciência, a cultura ocidental faz isso com as pessoas. Faz elas buscarem explicações, ignorar aquilo que não conseguem explicar, se acharem melhores e superiores aos animais e a natureza. As cosmopercepções indígenas estão em outro lugar. Somos parte da terra, assim como todos os seres visíveis e não visíveis a nós⁴⁷. Se, no capitalismo, a relação com a terra é de objetificação, posse, domínio, uma relação utilitária, que trata a terra como um recurso a ser explorado, nas cosmopercepções indígenas, a relação com a terra é relacional, de pertencimento. Busca-se viver a terra, não a tornar produtiva. Vender uma parte da terra, seria como vender um familiar...

— Nossa, Eu nunca tinha pensado nisso.. – dizia Lina, surpresa, com sensações de estranhamento e curiosidade.

— Sim, menina, tem muito a se aprender, se você quiser. Nas cosmopercepções indígenas, tudo tem espírito, vida, não exclusivamente seres humanos. Vem, quero te apresentar uma pessoa.

3 horas depois

— No meu território, ouvir vozes é sinal de saúde, não de doença, ouvir as vozes dos rios, dos encantados⁴⁸. Na Psicologia da Florestas, os movimentos dos pássaros nos ensinam, as aranhas nos ensinam, com suas teias, a sabedoria da floresta guia meu povo. Ao redor do fogo lembramos do nosso território-umbilical, onde tudo está conectado: corpo, mente, território e espiritualidade. A floresta é nosso corpo, nosso corpo é

⁴⁷ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. (ANGATÚ, Casé) “Ser essa terra: São Paulo cidade Indígena”: exposição no memorial da resistência trata da (re)existência dos povos originários na capital paulista. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 118-137, jan./jul. 2020.

⁴⁸ KANHGÁG Rejane Paféj. **Aula 3: Território, cuidados e saúde indígena**. Aula ministrada online, via zoom para Especialização em Psicologia da Descolonização. Instituto Parentes. 13 de dezembro de 2025. Notas de aula

território⁴⁹ e precisamos romper com a colonialidade do saber acadêmico — dizia Jani, mulher indígena e psicóloga, enquanto Lina brilhava os olhos ouvindo.

Lina, Xiuxi e Jani conversam noite adentro, confraternizam juntas, cantaram rezos e Lina saiu de lá extasiada. Sentia uma expansão de consciência e de vida que jamais poderia imaginar, não fosse aquela visita e esse aprendizado todo.

Ao retornar à sua rotina, Lina ficava se perguntando o que fazer com aqueles óculos, que usava para absolutamente tudo e que, agora, pareciam não ter mais a mesma utilidade de antes. *Não posso mais olhar para o mundo, para as pessoas com esses óculos, pelo menos não só com eles. Se não tivesse os tirado, jamais teria vivido tudo que vivi. Eles me limitam, limitam minhas experiências, meu sentir e meu encontro com o mundo, com o outro. E esse outro também sou eu.* Pensava repetidamente.

Desde então, os óculos de Lina ganharam nova morada, a bolsa. Estavam disponíveis para quando ela sentisse que deveria vesti-los, mas não moravam mais em seu rosto, num movimento de abertura a outros sentidos para experimentar a realidade, seja nas suas relações interpessoais, seja nas suas atuações profissionais. O encontro passou a ser sua nova morada. Encontrar com pessoas, pássaros, árvores, com o sopro do vento, a carícia dos sons, os olhares do sol, os beijos da chuva..

Lina sabe que a pessoa que ela vem se tornando foi construída pelas afetações dos óculos que usou ao longo de sua vida. Eles foram úteis. Mas ela sabe, também, que utilizá-los indiscriminadamente, é, certamente, cegar-se para a vida que existe antes e além deles. Conhecer as pessoas e seus lugares existenciais, sem os óculos, reposicionou Lina diante da vida e da profissão. E, além de pensar, ela passou a sentir e viver.

Referências

ABDALA-COSTA, Marcelo Pimentel; FAUSTINO, Deivison Mendes. O indígena na casa de cura dos brancos: contexto hospitalar, descompassos interpretativos e anamorfose colonial. *In*: LOPES, Fernanda Gomes. **Tópicos em psicologia hospitalar**. Londrina, PR : Lucto, 2023, p. 319-337.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

⁴⁹ KANHGÁG, Rejane Paféj. **Psicologia das florestas: saúde mental na perspectiva Kanhgág**. Coleção cadernos educativos. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2025. – trecho presente na página 10

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

KANHGÁG Rejane Paféj. **Aula 3: Território, cuidados e saúde indígena**. Aula ministrada online, via zoom para Especialização em Psicologia da Descolonização. Instituto Parentes. 13 de dezembro de 2025. Notas de aula.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. Epistemologias dos Odus e Decolonialidade Afro-Brasileira. **Revista Estudos Libertários**, v. 4, n. 11, p. 1-20, 2022. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/53236>>. Acesso em: 24 fev. 2025.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLASCO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. (ANGATÚ, Casé) “Ser essa terra: São Paulo cidade Indígena”: exposição no memorial da resistência trata da (re)existência dos povos originários na capital paulista. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 118-137, jan./jul. 2020.

SAWAIA B. **As artimanhas da exclusão**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

SIQUEIRA, Gabriel Castro; GONÇALVES, Bruno Simões; OLIVEIRA DOS SANTOS, Alessandro de. Entre utopias desejáveis e realidades possíveis: noções de bemviver na atualidade. **Estudo avançados**, v. 37, n. 109, p. 125-144, 2023. DOI: 10.1590/s0103- 4014.2023.37109.009.